

# Aos santos agradecemos pela nossa prosperidade Os capitéis como patrimônio cultural étnico e religioso da Colônia Boa Esperança (Rolante, RS)

*Unto the saints we thank you for our prosperity  
The chapters as ethnic and religious cultural heritage of Cologne Boa Esperança (Rolante, RS)*

Aline Nandi\*  
Daniel Luciano Gevehr\*\*

---

**Resumo:** Esta pesquisa se propõe a discutir o processo de construção e significação que envolve os capitéis (pequenos oratórios) construídos nas margens das estradas entre 1945 e 1960 por imigrantes italianos e seus descendentes na localidade de Boa Esperança, localizada no município de Rolante (RS). O objetivo central do estudo é fazer um levantamento dos capitéis e sua constituição, bem como discutir o contexto e as motivações que levaram a essas construções nessa comunidade ítalo-riograndense. Analisamos a relação desses capitéis com as noções de identidade, religiosidade e etnicidade, presentes no contexto da Colônia Boa Esperança.

**Palavras-chave:** Capitéis; Imigração Italiana; Religiosidade.

---

**Abstract:** This research aims at discussing the process of construction and signification surrounding the Chapters (small oratories) built on the shores of roads between 1945 and 1960 by Italian immigrants and their descendents in the locality of Boa Esperança, located in Rolante (RS). The central objective of the study is to survey their Chapters and their constitution, well as to discuss the context and motivations that led to these constructions in this italo-riograndense community. Analyzed the relationship of these chapters with the notions of identity, religion and ethnicity, present in the context of Colônia Boa Esperança.

**Keywords:** Chapters, Italian Immigration, Religiosity.

---

## Considerações Iniciais

O objetivo da pesquisa é discutir o processo de construção e significação que envolve os capitéis (pequenos oratórios) construídos entre 1945 e 1960 nas margens das estradas da Colônia Boa Esperança – localizada no município de Rolante/RS. Buscaremos através deste estudo fazer um levantamento dos capitéis e compreender as relações que se estabelecem

---

\* Graduada em História e mestranda em Desenvolvimento Regional no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT). E-mail: alinen\_sintraf@hotmail.com

\*\* Doutor em História e professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional das Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT). E-mail: danielgevehr@hotmail.com

entre os moradores dessa comunidade- constituída inicialmente de imigrantes italianos e de seus descendentes- e os capitéis. Para tanto, nos propusemos em investigar o processo histórico que envolveu essas construções, sua função social na comunidade e os elementos de caráter religioso e identitário presentes nesses oratórios dispostos a margem das estradas que cortam a localidade.

Como forma de atingir os objetivos deste estudo, buscou-se a partir do mapa turístico do município visitar, fotografar e descrever as características de quatro capitéis construídos pela primeira geração dos imigrantes italianos que colonizaram a *Boa Esperança*, além de compreender através de relatos orais dos moradores da localidade as motivações que proporcionaram a construção destes monumentos.

A pesquisa justifica-se pela importância dos grupos colonizadores na preservação de elementos culturais pelas diferentes gerações como forma de evidenciar suas práticas e tradições, além da função social que estes espaços representam, apontamos a necessidade de difundir a história dos capitéis e de seus “construtores” para promoção do turismo, o cuidado com a manutenção destas construções, além da “sensação” de pertencimento de toda a comunidade rolantense a esse bem cultural.

Esta pesquisa fundamenta-se em registros fotográficos, análise bibliográfica, observação e entrevistas. Foi necessário percorrer o *Caminho das Pipas*, roteiro turístico na comunidade de Boa Esperança e identificar pessoas da comunidade que pudessem a partir da história oral apresentar relatos sobre a construção dos capitéis, suas representações, formas de manutenção e as práticas estabelecidas nestes espaços. Os lugares que percorremos nos fazem lembrar fatos ocorridos no passado e, assim, contribuem para a construção da memória coletiva. (HALBWACHS, 2004).

Com o intuito de promover alternativas de agregação de renda a produção agrícola da localidade de Boa Esperança e minimizar o êxodo rural, no ano de 1995 os agricultores da comunidade em parceria com a Prefeitura Municipal de Rolante, Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Emater iniciaram a formulação do *Caminho das Pipas* como um roteiro turístico. Localizado no 4º Distrito de Rolante o trajeto é composto por nove cantinas de produção de vinho e suco colonial artesanal, além de uma casa de massas, um restaurante e uma pousada. O roteiro agrega ainda Cascata Três Quedas, espaços de comercialização de produtos coloniais em cada uma das cantinas e demais empreendimentos no *Caminho das Pipas*.

No município de Rolante foram construídos quatro capitéis na localidade de Boa Esperança, A construção dos capitéis teve início em 1945, com a primeira geração dos descendentes de imigrantes italianos indo aproximadamente até 1960. Esta primeira geração

caracteriza-se por serem filhos dos primeiros imigrantes que fixaram residência primeiramente nas velhas colônias de imigração.

No período de construção dos capitéis, a comunidade já contava com uma igreja em honra a Nossa Senhora do Caravaggio, construída em madeira logo no início da colonização. A igreja em alvenaria veio a ser construída após a melhor estruturação financeira e organização social das famílias da localidade. A igreja foi transformada em paróquia, que completou 70 anos no mês de maio de 2014.

Para celebrar as festividades de aniversário da paróquia foi organizada uma intensa programação religiosa e festiva, com reza de terços, celebrações do tríduo e uma grande missa que contou com a presença e celebração do Bispo da Diocese de Novo Hamburgo, Dom Zeno Hastenteufel.

Em um ambiente de preparação para a festa local, no salão da comunidade com mais de 40 mulheres numa tarde de domingo, dividindo funções na produção dos *agnoline* - ingrediente de um dos principais pratos da culinária local- a sopa- e alguns homens que faziam uso do salão comunitário para o encontro tradicional do domingo com amigos e parentes da cidade, além dos jogos de carta e da companhia a suas esposas, realizamos a partir de um questionário semi-estruturado a busca de informações sobre a origem da construção dos capitéis, fatores que motivaram estas construções, usos destes espaços e suas representações.

A fabricação coletiva do *agnoline* é uma tradição na comunidade e tal responsabilidade é das mulheres. A tradição dos encontros e a forma de fabricação artesanal é passada de geração em geração, netas, mães e avós compartilham saberes, relembram fatos do passado e mantem viva à tradição da construção coletiva da festividade. Este fazer conjunto é realizado anualmente no mês de junho em preparação a festa da padroeira, filhas e netas que não moram na localidade costumam estar no final de semana que antecede a festa na casa de seus familiares na Boa Esperança, a fim de participar deste momento.

Antes de continuarmos com a caracterização dos capitéis da Boa Esperança, precisamos conhecer melhor o cenário em que esse Patrimônio Cultural da comunidade se insere. A dinâmica que envolve a colonização das terras e o processo de organização política e social dessa comunidade nos permite melhor compreender como os oratórios construídos na margem das estradas da colônia representam aspectos da identidade étnica de seus moradores, ao mesmo tempo em que procuram *manter viva uma memória dos antepassados*.

## **A vinda dos imigrantes e a formação histórica de Rolante**

Na segunda metade do século XIX deu-se início ao processo de ocupação de Rolante pelos imigrantes europeus. Parte da economia regional concentrava-se na leva de gados do Rio Grande do Sul até São Paulo, e foi dessa forma que moradores da região passaram a utilizar o caminho que tinha início em Viamão, passando por Rolante e seguindo até o território paulista. Os conhecidos tropeiros tinham Rolante em seu roteiro.

Mas foi, em 1882, que chegaram à Rolante, os primeiros colonizadores, vindos das colônias velhas, fixaram moradia em Alto Rolante hoje distrito de Rolante. As terras foram cedidas por uma empresa colonizadora a imigrantes alemães. Os ítalo-brasileiros chegaram na primeira década do Séc. XX, procedentes de Caxias do Sul, Salvador do Sul, Farroupilha, Gramado, entre outras levas das primeiras colônias.

Em 19 de abril de 1909, por designação do Governo da Província, Rolante passou a ser distrito. Logo passaram a chegar à localidade famílias húngaras, seguidas pelas suecas, polonesas, italianas e alemãs. Em algumas localidades estas novas famílias passam a dividir suas rotinas com os chamados “caboclos” que já estavam estabelecidos em algumas localidades. Era a lembrança da ocupação indígena, lusa e africana na região. Rolante pertencente originalmente a Santo Antônio da Patrulha teve sua emancipação político administrativa, concedida em 28 de fevereiro de 1955. A cidade é conhecida como a "Capital Nacional da Cuca", e também como a terra natal do cantor tradicionalista gaúcho Teixeira.

Atualmente Rolante faz parte do *Vale do Paranhana*, na Encosta Inferior da Serra Gaúcha, e desde 2010 integra a *Região Metropolitana de Porto Alegre*, estando ainda inserido na *Reserva da Biosfera de Mata Atlântica*. De acordo com o IBGE (2014), sua população total é de 19 493 habitantes. Tendo como principais atividades econômicas a indústria, os serviços e a agricultura, Rolante apresenta grande concentração de propriedades com atividades produtivas ligadas a agricultura familiar.

A Boa Esperança sendo o 4º Distrito de Rolante tem aproximadamente 80 famílias que residem ou possuem casas de “final de semana”, agregando assim uma economia promissora. Além das atividades agrícolas desenvolvidas na comunidade como forma de geração de renda para as famílias através da comercialização do milho, farinha, uva, vinho e demais insumos, a comunidade conta com diversas agroindústrias ligadas principalmente a produção de vinho e sucos.

### **As promessas aos santos e a construção dos capitéis na Colônia Boa Esperança**

Realizando o roteiro do *Caminho das Pipas* na *Colônia de Boa Esperança* encontramos quatro capitéis, objeto central desta investigação. Os capitéis ou as *casinhas de santos a beira da estrada* foram construídos em terras particulares, nas vias que ligam a região colonial, próximos ao local de moradia da família que havia feito alguma promessa. Tendo sua “graça” alcançada, logo iniciavam a construção do espaço de oração, como forma de “pagamento” pela conquista do pedido.

Sobre os capitéis Costa (1976) aponta que se caracterizam pelo costume de construir pequenas ermidas ao longo dos caminhos, principalmente nas encruzilhadas, foi trazido da Itália. Estas ermidas, regionalmente chamadas de *capitéis*, às vezes belas, originais mesmo, porém outras vezes apresentam formas grotescas principalmente nas construídas recentemente. São de madeira, tijolos ou pedra, ora desenvolvem uma linguagem própria ou com mais frequência copiam simplificada a arquitetura religiosa de maior porte.

Nos capitéis eram colocadas as imagens do santo de devoção da família, ao qual era destinado o pedido – promessa. A devoção aos santos é fruto da tradição familiar passada para cada geração, tendo em vista, ainda, que as famílias italianas estabelecidas na localidade de Boa Esperança professavam a fé na Igreja Católica Apostólica Romana.<sup>1</sup> “A quase totalidade confessava-se católica, e a fé católica forneceu-lhes os subsídios indispensáveis para reiniciar, individual e coletivamente a existência.” (DE BONI, 1980, p.235).

Os descendentes dos imigrantes preservaram diferentes práticas e costumes religiosos trazidos da Itália e herdados de seus antepassados, agora repassados e (res)significados pelas novas gerações.

Assim seguindo Tedesco (2004 p. 232) “os idosos, sem haver deliberação, são encarregados de guardar as lembranças do passado dos grupos; [...] conservar objetos materiais importantes, promover cerimônias que representem os percursos vividos por eles e que sejam transmitidos aos “de hoje.”

A construção dos capitéis está revestida de um universo religioso, no qual a materialização desses oratórios representava alguma “graça alcançada”, sendo compreendida pelos seus criadores como a “ouvir dos santos as suas preces” e “uma forma de manifestação divina.” Vale lembrar que esses imigrantes vinham de um contexto no qual na Itália, cada vila tinha seu santo padroeiro, venerado não tanto como modelo cristão de virtudes, mas principalmente como *protetor mágico* que auxiliava nos momentos de necessidades ou nas adversidades. (FOCHESATTO, 1977).

A religiosidade era tida como uma forma de vencer a saudade da terra de origem, os novos costumes, o refazer de suas vidas em terras distantes. A contemplação da promessa de

um mundo novo com mais dignidade e com terras para produzir o suficiente para fazer fortuna estavam alicerçados na força da fé.

De acordo com Cocco (2008), a capela era o centro e o ponto principal do núcleo colonial. Além disso, se perpetuam nas vilas e propriedades particulares, ao longo das estradas ou em encruzilhadas os *capitéis*, que testemunham a religiosidade e a frequência dos cultos familiares do italiano. Eram erigidos, muitas vezes, pelo fato de testemunho de uma graça alcançada ou dedicados para um santo da devoção.

Os capitéis construídos na *Colônia Boa Esperança* embora tenham suas histórias de construção relativamente semelhantes, apresentam particularidades, tendo em vista que cada um deles faz referência e devoção a um santo diferente e, principalmente, um *episódio* que motivou sua construção e justifica sua lembrança pelas gerações seguintes.

Percorrendo o Caminho das Pipas pretendemos aqui analisar o contexto de produção dos capitéis e seus significados.

### **Capitel Santo Antônio**

Tradicionalmente conhecido como “santo casamenteiro”, a construção do capitel de Santo Antônio, nada tem haver com a fama que o santo adquiriu pelo mundo. Construído em 1945 pela família de Celeste Boniatti, nas margens da estrada que liga a localidade de Boa Esperança a São Francisco de Paula, teve sua arquitetura original em madeira.



**Figura 1** - Capitel Santo Antônio I  
Fonte: Acervo dos Autores

De acordo com depoimentos o que motivou Celeste Boniatti a fazer o capitel, foi um forte temporal que destruí a casa da família e outras casas da comunidade. Não havendo nenhum prejuízo a vida das pessoas de sua família e de outras pessoas da comunidade, o

mesmo prometeu que após a reconstrução de sua casa, faria um capitel em devoção a Santo Antônio, para que o mesmo pudesse continuar protegendo a família.

No ato de sua inauguração ainda segundo moradores foi celebrada uma missa campal e festividades no local. Com o recurso das vendas e ofertas da festa, a comunidade comprou os bancos e as janelas da igreja da localidade. Anualmente no “dia de Santo Antônio”, em 13 de junho moradores se reúnem no local onde hoje há um capitel de alvenaria, para celebrar a rezar o terço em devoção ao santo.

O capitel Santo Antônio, possui características arquitetônicas diferenciada dos demais capitéis que vamos apresentar. Seu espaço interno é reduzido, podendo desempenhar algum tipo de atividade ou ato religioso em seu interior apenas uma pessoa.

Ainda em seu interior se encontra um altar, no qual está a imagem de Santo Antônio, possivelmente a imagem original do primeiro capitel construído no mesmo local do atual conforme já descrito anteriormente. Neste altar também estão depositadas as imagens de Nossa Senhora Aparecida, Santo Expedito e outras três imagens.

A toalha que cobre o altar possui imagens relacionadas ao Sacramento da Comunhão, sendo o trigo a uva e a vela, pintados sobre o tecido. Tal adereço é substituído frequentemente pela família que esta responsável pelos cuidados aquele espaço. A porta é de ferro e possui vidros da parte superior que permite ver o interior do capitel. A porta fica aberta apenas em dias especiais ou quando solicitada a visitação e permanência na parte interna do mesmo.

O capitel Santo Antônio está identificado por uma placa de sinalização turística contendo o nome do santo homenageado naquele lugar.

### **Capitel Santa Bárbara**

Devotada pelos católicos como a Santa *protetora das tempestades*, Santa Bárbara foi homenageada com a construção de um capitel na *Colônia Boa Esperança*. Segundo moradores, após uma tempestade que destruiu lavouras e danificou casas na comunidade, as famílias de Atílio Tauffer e Ceverino Scalcon, juntaram-se para realizar a construção em busca de proteção.

De acordo com relatos, desde a construção do capitel, nenhuma forte tempestade atingiu a comunidade, causando prejuízos às lavouras e aos demais bens das famílias, que tem como principal fonte de renda o trabalho na produção agrícola.

Com o término da construção do capitel, por volta do ano de 1945 uma grande missa foi celebrada e durante alguns anos o rito se repetiu. Porém com o passar dos anos e com a

morte dos seus construtores, a tradição “foi se perdendo”. Nos últimos anos, têm sido realizada somente a reza do terço com ofertas e não mais a missa. O local passa constantemente por manutenções, garantindo assim sua conservação.



**Figura 2** - Capitel Santa Bárbara  
Fonte: Acervo dos Autores

O Capitel Santa Bárbara está localizado as margens da estrada que dá acesso à localidade de Morro Grande, próximo ao Morro da Asa Delta, um dos principais pontos turísticos do município.

No seu interior encontramos um altar no qual está a imagem de Santa Bárbara disposta sobre um altar móvel decorado com tecidos, que é geralmente usado para as procissões realizadas na comunidade, onde moradores fazem uma espécie de caminhada com a Santa pelas ruas da localidade, em especial nos dias de celebrações religiosas no capitel.

No altar fixo ainda estão depositados um crucifixo, a imagem de São José e algumas flores artificiais. Em dias de festividades ou rezas de terço com a comunidade são colocadas ainda sobre o altar flores naturais, cultivadas pelos próprios moradores em homenagem a Santa.

A porta é em ferro e possui vidros da parte superior que permite ver o interior do capitel. Como no capitel Santo Antônio a porta fica aberta apenas em dias especiais ou quando solicitada para os cuidadores do capitel que moram nas proximidades do mesmo, visitação e permanência na parte interna do mesmo. Assim como nos demais, o capitel possui placa de sinalização turística em bom estado de conservação contendo o nome da santa homenageada.

### **Capitel São Roque**



O Santo *protetor dos animais e de algumas enfermidades*, também tem um capitel em sua devoção. Sua primeira construção em madeira foi feita por Domingos Boniatti, segundo relato de sua filha Vitória Valandro, a construção foi finalizada por volta dos anos de 1950. Boniatti sofria há algum tempo, com feridas na perna que o impediam de realizar diversas atividades, foi então que ao recorrer a São Roque e tendo lhe “prometido” um espaço de encontro e oração em suas terras, suas feridas foram “curadas”.



**Figura 3** - Capitel São Roque

Fonte: Acervo dos Autores

Ao cumprir sua promessa Boniatti, familiares e a comunidade celebram ali uma missa. Por alguns anos, no dia 16 de agosto, data em que é celebrado pela Igreja Católica o dia de São Roque, missas foram realizadas em homenagem ao Santo. Nos dias atuais moradores da comunidade reúnem-se no final da tarde no dia de São Roque, para a reza do terço e de forma particular alguns moradores, têm como hábito ir até o capitel para a reza do terço ou “pagamento” e ou cumprimento de alguma promessa em outros momentos do ano.

Segundo Vitória Valandro, “ali sempre rezávamos a missa, o terço e fazíamos festa, com churrasco e tudo, mas a mais de 30 anos não fizemos mais a festa. Celebramos a data de forma diferente, muitas famílias não trabalham neste dia e é feita a reza do terço.”(Informação Oral).

O capitel São Roque possui seu espaço interno também reduzido, podendo desempenhar alguma atividade ou ato religioso em seu interior apenas uma pessoa. A pintura interna e externa está um pouco danificada e o acesso ao interior deste se dá, por meio de uma escada. Este é o único dos quatro capitéis que possui uma cruz na estrutura externa superior, destacando assim sua função religiosa.

Em seu interior se encontra um altar, no qual está à imagem de São Roque, Neste altar também estão depositadas as imagens de outros santos de devoção dos visitantes e/ou religiosos frequentadores do local.

A porta de entrada da *casinha do santo* também é de ferro a exemplo dos demais capitéis já apresentados, possui vidros da parte superior que permite ver o interior do capitel e uma janelinha nas paredes esquerda e direita do capitel, porém em dias de muita umidade a visualização interior do capitel fica bastante prejudicada, tendo em vista que não há ventilação interna, a porta fica fechada sendo acessada apenas pela pessoa responsável pela conservação do mesmo.

Segundo moradores, a porta é aberta apenas em dias especiais ou quando solicitada a visitação. No entorno do Capitel São Roque encontra-se vasta vegetação local- da qual se sobressai à imagem do capitel. O *oratório* também encontra-se identificado por uma placa de sinalização turística.

## **Capitel Santo Antônio II**

Notamos que o capitel Santo Antônio, é um dos que apresenta maior necessidade de preservação. Seu espaço interno também é reduzido. A pintura interna e externa está um pouco danificada, uma das paredes é revestida com piso, assim como o chão.

Localizado na estrada que liga a comunidade de Boa Esperança ao Morro da Asa Delta- ponto turístico da comunidade de Morro Grande- encontramos poucas informações referentes a este capitel. De acordo com relato dos moradores o capitel foi construído por José A. Cambuzzi.



**Figura 4** - Capitel Santo Antônio  
Fonte: Acervo dos Autores

Segundo a memória dos moradores, a construção foi motivada pelo fato de que muitos moradores da comunidade foram “indo embora” e a capela de madeira que existia nas proximidades teve de ser desmanchada em função da ação do tempo. Então para marcar a presença da igreja naquele local o senhor Cambruzzi construiu o capitel. Não existe neste capitel nenhum tipo de celebração comunitária organizada anualmente, e segundo relatos dos moradores a comunidade desconhece quem realiza o cuidado desse monumento.

Em seu interior encontra-se também um altar, no qual está a imagem de Santo Antônio. Neste altar também estão depositados ainda dois pequenos vasos de flores artificiais.

A porta também é de ferro a exemplo dos demais capoteis já apresentados, possui vidros da parte superior. Não possui trancas e está sempre aberta e seus vidros estão quebrados assim como a fechadura.

O capitel não possui um cuidador e esta a margem da estrada de acesso a mais bela vista do município e o principal ponto turístico. Em seu entorno está a mata nativa e *pinus*.

### **Discursos e memórias: uma geração que “guarda” histórias**

A constituição da identidade local e social não está ligada somente à religião católica, mas também a outras práticas sociais, mas aos costumes, hábitos familiares, o fazer das tradições que são preservadas e passadas de geração em geração, com elementos positivos para construção destas identidades bem como das memórias. A preocupação da comunidade em manter viva a memória dos antepassados que colonizaram a *Boa Esperança* e que foram responsáveis pela construção dos capitéis, passa, obrigatoriamente por um processo de

atualização da memória, na qual a herança deixada pelos antepassados é resignificada pelas atuais gerações.

Além da preservação dos monumentos através da organização comunitária a comunidade busca através de registros fotográficos preservar a história dos antepassados e dos fatos sociais representativos da comunidade. Uma exposição fotográfica está colocada no salão comunitário com fotos e identificação das primeiras famílias que se estabeleceram na *Colônia Boa Esperança*, além de fotos dos descendentes dos primeiros colonos que realizam algum tipo de evento festivo social como: Bodas de Prata e Ouro.

No que tange o patrimônio os ritos do passado são preservados, além disso são “atualizados” dentro do novo contexto social, no qual as tradições locais, como nesse caso a religiosidade trazida pelos imigrantes, são exaltadas pelo grupo, que procura reproduzir a cultura religiosa herdada, ainda que essa sofra constantemente as transformações do contexto atual.

Elementos esses intrinsecamente presentes nas falas dos atuais moradores da Boa Esperança, que manifestam preocupação com a preservação dos capitéis. Tomamos como exemplo as manifestações de dois filhos dos construtores das *casinhas doe santos*, onde Avelino Rossi afirma que “hoje, cuido deste local, para não deixar cair o que meu pai construiu.”(Informação verbal). Esta afirmação também é da filha de um dos idealizadores onde Vitória Valandro trás, “A tradição a gente não perdeu. Meu pai quem fez. Eram pessoas de muita fé e me passaram muita fé e hoje ajudamos a cuidar deste local.” (Informação verbal).

Na memória dos usos sociais dos locais de oração a beira da estrada os moradores guardam ainda relatos sobre os atos realizados. Segundo Vitória Valandro os capitéis eram pontos de encontro da comunidade, anualmente em cada capitel, além da missa eram realizadas festas para arrecadar recursos para a igreja e outras obras da comunidade, os capitéis realizavam assim uma função social. “Fazíamos grandes festas, vinha toda a comunidade, tinha churrasco e muitas coisas, hoje não se faz mais isso.” (Informação verbal).

Ressalta-se que os capitéis são preservados por moradores da comunidade ou familiares dos “construtores” com o dinheiro arrecadado anualmente como oferta nas celebrações anuais realizadas em cada um dos quatro capitéis da comunidade, no dia em que se celebra na Igreja Católica o santo que dá nome a cada capitel. Um deles foi reconstruído em alvenaria recentemente, por ter sua construção original de madeira, não mais resistido às ações do tempo. De acordo com a entrevistada Vitória Valandro “a comunidade se reúne sempre no dia do santo de cada capitel para rezar um terço e fazer uma coleta para que possa

ser mantido este espaço. Algumas pessoas ficam responsáveis por cuidar e recebem algo por isso, em outros são os familiares de quem construiu que cuidam. O do meu pai (Capitel São Roque) pagamos outra pessoa para cuidar.” ( Informação verbal).

Os capitéis são considerados patrimônio cultural. O termo patrimônio reflete a apropriação ou detenção de um bem, herança de alguém o de algum povo. É um conjunto de bens materiais ou imaterial que resguardam memórias. Segundo Feitosa e Silva (2011), os bens materiais e imateriais, são todos aqueles relacionados à memória e identidades e heranças de um povo ou nação e o patrimônio cultural material é todo aquele que pode ser visto e tocado.

A manutenção do patrimônio está alicerçada na conservação e recuperação da memória, fator que permite as seres humanos e seus grupos a manutenção da identidade individual ou coletiva. Segundo AGUINAGA (2014 p. 05), “O patrimônio cultural imaterial diz respeito àquela porção intangível da produção cultural dos povos, encontradas nas tradições, nos saberes, no folclore, nas línguas, nas festas, e em outras tantas manifestações que são transmitidas de uma geração a outra.”

O “*resgado*” de algum tipo de identidade ou de elementos simbólicos que estabeleça relações com está identidade significa a manutenção de laços extemporâneos aos antepassados a um local, costumes e hábitos que demonstra quem são e de onde seus antepassados vieram e qual o legado deixado por estes.

Na *Colônia Boa Esperança*, no caso dos filhos e/ou familiares dos responsáveis pela construção dos capitéis, cuidar da conservação destes locais é manter viva a história e o desejo de entes que já partiram. Mas tiveram sua vida alicerçada na fé e na crença de que aqueles locais de oração traziam importantes benefícios para a vida das suas familiares e das demais famílias da comunidade.

Como traz os entrevistado Avelino Rossi, “Hoje, cuido deste local, para não deixar cair o que meu pai construiu[...] como Santa Barbará é protetora das tempestades, depois que foi construído o capitel para ela, nunca mais a gente teve grandes tempestades com prejuízos para nós.” (Informação verbal). Ainda a tradição é lembrada por Vitória Valandro “a tradição a gente não perdeu. Meu pai quem fez. Eram pessoas de muita fé e me passaram muita fé e hoje ajudamos a cuidar deste local.” (Informação verbal).

Tendo a religiosidade e alguns de seus elementos sendo repassados ao longo das gerações. A moradora Luiza Boneto relata sua experiência de fé a partir de promessas feitas a São Roque, “meu marido tinha uma doença muito grave e precisava ser operado, foi então que prometi a São Roque que iria rezar um terço em sua devoção e iria de “a pé” da minha casa

até a capelinha, se meu marido fosse curado e não precisasse passar pela cirurgia, e deu certo[...]eu sempre tive fé.” (Informação verbal).

De acordo com relatos dos moradores entrevistado, muita gente da comunidade mantém o costume de visitar os capitéis e fazer suas orações, porém as pessoas que visitam a comunidade não estabelecem com estes espaços as mesmas relações. Assim Marlei Boneto Prezi aponta “sempre vou rezar o terço, principalmente quando é o dia de cada um dos santos. Quando estamos trabalhando e não dá tempo de ir naquele dia, vou no outro dia, mas não deixo de ir.” (Informação verbal). No entanto para muitos os monumentos e a tradição passam despercebidos, como traz Avelino Rossi, “alguns anos atrás as pessoas vinham visitar a comunidade, paravam nos capitéis, queriam saber sua história, hoje poucas pessoas fazem isso.” (Informação verbal).

### **Considerações Finais**

A construção dos capitéis, embora apresentem em sua historicidade características particulares está cercada de elementos simbólicos coletivos, entre estes de tradições passadas para a primeira geração dos imigrantes italianos chegados na Boa Esperança, onde esta geração constrói monumentos que marcam de forma física sua religiosidade, crenças e sua etnicidade. Este estudo possibilitou identificar elementos religiosos e culturais que estabelecem ligações com a primeira leva de imigrantes italianos que se instalaram na *Colônia Boa Esperança*.

Embora sejam estabelecidas na atualidade, ligações entre o espaço dos capitéis e os familiares de seus idealizadores como forma de manter presente a história e o legado de entes que já partiram, algumas peculiares são perdidas com o passar dos anos, inclusive a minuciosidade de detalhes, histórias e da própria tradição inicialmente envolta nestas construções. Não existem registros fotográficos ou escritos pelos familiares em materiais relacionados à história de Rolante e da própria colonização que traga dados detalhados sobre suas construções.

Os capitéis podem ser compreendidos como lugares potencializadores da difusão da história dos primeiros imigrantes italianos – numa região tipicamente colonizada por imigrantes alemães, como é o caso de Rolante e seus municípios vizinhos – e de suas tradições bem como daqueles que construíram e daqueles que preservam atualmente estes espaços. Através da preservação das “*casinhas dos santos*”, como popularmente são conhecidos os capitéis, se pode

melhor conhecer os ritos e tradições ligados a estes monumentos, que expressam formas de ser e sentir da comunidade que os produziu.

## Referências

- AGUINAGA, Karyn Ferreira Souza. **A proteção do patrimônio cultural imaterial e os conhecimentos tradicionais.** Disponível em: < <http://www.conpedi.org>. Acesso em: 03 de julho de 2014.
- BONETO, Luiza . **Entrevista concedida a Aline Nandi.** Rolante, 25 jun. 2014.
- CHAGAS, Gisele Fonseca. **Identidades religiosas e fronteiras étnicas: um estudo do ritual da oração na comunidade muçulmana do rio de janeiro.** Religião e Sociedade. Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 152-176, 2009.
- COCCO, Ricardo. **Questão da religião e a imigração italiana no Rio Grande Sul.** Revista de Ciências Humanas-. Frederico Westphalen- RS . v. 9, n. 13 p. 9-30, 2008.
- COSTA, Rovílio. **Antropologia Visual da Imigração Italiana.** Porto Alegre. Vozes, 1976
- De BONI, Luis Alberto. **O Catolicismo da Imigração: Do Triunfo à Crise.** In: Dacanal, José Hildebrando (org.). *Rio Grande do Sul: imigração e colonização.* Mercado Aberto, 1980, p. 234-255
- FEITOSA, Mônica Nascimento e; SILVA, Sandra Siqueira da. **Patrimônio Cultural imaterial e políticas públicas: os saberes da culinária regional como fator de desenvolvimento local.** Salvador.: UFBA, 2011. p. 193 - 12.
- FOCHESATTO, Iloni. **Descrição do culto aos mortos entre descendentes italianos no Rio Grande do Sul.** Caxias do Sul: Escola Superior de Teologia-Universidade de Caxias do Sul, 1977.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Editora Centauro, 2004. 197p.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – **IBGE.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>> Acesso de 09.05.2014 a 22/05.2014.
- PREZI, Marlei Boneto. **Entrevista concedida a Aline Nandi.** Rolante, 25 jun. 2014
- ROSSI , Avelino. **Entrevista concedida a Aline Nandi.** Rolante, 25 jun. 2014.
- VALANDRO, Vitória . **Entrevista concedida a Aline Nandi.** Rolante, 25 jun. 2014.
- ROSSI , Avelino. **Entrevista concedida a Aline Nandi.** Rolante, 25 jun. 2014.
- TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração.** Passo Fundo/Caxias do Sul: UPF/EDUCS, 2004.

## Notas

---

<sup>1</sup> A relação existente entre as identidades religiosas e as fronteiras étnicas – como é o nosso caso – é analisada por Gisele Chagas, em seu estudo sobre a comunidade muçulmana no Rio de Janeiro.